Viajar no tempo

» ORLANDO THOMÉ CORDEIRO
Consultor em estratégia

Uma das fantasias cultivadas pelo ser humano ao longo de séculos é a possibilidade de viajar no tempo. O tema serviu de inspiração para diversos livros e filmes tais como a *Máquina do tempo*, escrito por H. G. Wells no final do século 19, e a série *Star wars*, de George Lucas, cujo primeiro episódio foi lançado em 1977.

Outro desejo muito forte é de tentar projetar o futuro. Nesse terreno temos, entre outros, os clássicos *Fahrenheit* 451 (1966) baseado na obra de Ray Bradbury e dirigido por François Truffaut, *Laranja mecânica* (1971) baseado no livro de Anthony Burgess e dirigido por Stanley Kubrick, *Blade runner* (1982) e *Brazil* (1985), ambos dirigidos por Ridley Scott.

Todo final de ano proliferam na mídia e nas redes sociais as profecias sobre o que acontecerá em 2022. Qual filme será ganhador do Oscar? Quem será o time campeão brasileiro de futebol? Qual celebridade vai se casar ou se separar? Tudo muito divertido e sem contraindicações.

Já tentar prever o que acontecerá no terreno da política e da economia é um exercício pra lá de arriscado. Basta olharmos as apostas feitas no final de 2020 por analistas reconhecidamente capazes e que não se confirmaram, tais como a quase certeza de que o Congresso aprovaria o impeachment do presidente.

Outra previsão furada foi o tal crescimento em V prometido por Paulo Guedes, ministro que se notabilizou por vender um futuro imaginário e nunca confirmado. Aliás, ele e sua equipe previram uma inflação anual de 3,2%, mas fechamos o ano com mais de 10%. Tivemos também a previsão irresponsável do governo federal de que a pandemia estava terminando e não atravessaria 2021, mas já ultrapassamos o trágico número de 600 mil mortes.

É conhecida a expressão de que no Brasil, quando se trata de apontar as tendências políticas, 24 horas é longo prazo, mas vou me arriscar a dar alguns palpites para 2022. Começo pela badaladíssima aliança entre Lula e Alckmin. Aqui, mais uma vez, o ex-presidente tem demonstrado todo seu talento para criar situações favoráveis sem precisar assumir qualquer compromisso para além do discurso de campanha. Minha aposta é que essa chapa não se concretizará, tendo como principal consequência o esvaziamento eleitoral e político da figura do ex-governador que deverá ficar sem espaço para se candidatar a qualquer cargo.

Indo para o outro polo, teremos Bolsonaro fazendo de tudo e mais um pouco para fortalecer sua candidatura a partir da consolidação do Auxílio Brasil, das alianças com os partidos do Centrão, além de se apoiar na radicalização do sentimento antipetista como caminho para ser reeleito. Ao contrário do que muita gente acredita, ele estará no jogo, não podendo se desprezar sua competitividade.

Saindo dos dois polos que, estrategicamente, se retroalimentam, temos uma plêiade de candidaturas da chamada terceira via. Por ali, até o momento, são muitos nomes com poucos votos. Vejamos o caso de Ciro Gomes. Sua tentativa de se posicionar como uma alternativa antibolsonarista e não petista foi por água abaixo quando o ex-presidente voltou para a disputa. Em que pese as juras do presidente nacional de seu partido de que a candidatura irá até o final, tudo indica que ficará pelo caminho e seu nome não estará na urna.

O ex-juiz Sergio Moro tem um grande desafio pela frente. Depois de entrar no jogo ocupando a terceira posição em todas as pesquisas, viu frustrada a expectativa de seus apoiadores por um crescimento exponencial que não se confirmou. Apesar das iniciativas para atrair apoios e de ter um potencial de votos significativo, sua pré-campanha vem sendo marcada por alguns erros graves típicos da inexperiência política e eleitoral. Dessa forma, se não der um cavalo de pau na sua estratégia, ficará estagnado e sem chances reais no processo.

O governador Dória vive um dilema. Mesmo tendo um governo marcado por muitas realizações, com destaque para a iniciativa de trazer a primeira vacina contra a covid, enfrenta taxas de rejeição elevadas, inclusive em São Paulo. É claro que não se pode desprezar sua capacidade para reverter cenários desfavoráveis como já demonstrada em eleições anteriores, mas creio que, desta feita, não acontecerá.

Há ainda nomes como Rodrigo Pacheco, Simone Tebet e Alessandro Vieira que terão dificuldade para sensibilizar o eleitorado. Por fim, meu último palpite que, reconheço, traz junto um componente de torcida: entre maio e junho veremos a consolidação da aliança em torno de uma única candidatura capaz de furar o bloqueio da polarização atual. Feliz 2022!

O vento do sonho e da fé

» SILVESTRE GORGULHO
Jornalista, foi secretário de Estado de Cultura de Brasília

Ainda bem que tem ano novo para sacudir a poeira e alimentar esperanças. Pensar em novo ano é muito bom, porque desperta na gente uma vontade de mudanças. Só há uma coisa: tem que ser rápido, porque o tempo é implacável. O ano passa depressa demais.

A persistência e o desejo de mudar são fundamentais. Tem que ir no tempo certo. Desanimar nunca. Alon Baruch, nos seus 93 anos, iniciava todo ano novo rezando junto ao Muro das Lamentações, em Jerusalém. No dia primeiro de janeiro, cedinho, lá estava o senhor Baruch orando. Daí a pouco chega uma jovem repórter da TV Al Jahzeera e pede licença para entrevistá-lo:

— Bom dia, senhor. Eu sou da televisão. Pode falar comigo?

— Sim, minha jovem.

- Eu vejo que o senhor é a pessoa mais antiga que está aqui, hoje, orando aos pés do Muro.

— Sim.

— Há quanto tempo o senhor vem aqui rezar?

— Ah, desde quando nasceu meu primeiro filho. Eu tinha uns 20 anos. Lá se vão mais de 70 anos.

— Nossa! 70 anos! E o senhor rezou pedindo o que nesses anos todos?

— Rezo pela paz entre judeus, muçulmanos e cristãos, rezo para que cesse o ódio, que cessem as guerras. Rezo para que nossos filhos cresçam juntos em paz e amizade.

— E como o senhor se sente após mais de 70 anos de orações para iniciar cada ano?

— Ah, minha filha, sinto-me como se estivesse falando com um muro.

A franqueza e a esperança do senhor Alon Baruch são virtudes intrínsecas em cada um de nós. O Muro das Lamentações é o ponto que, pela sinceridade e fé, plantamos a confiança na vida. É o sonho que vai dar sustentação para o trabalho do dia a dia, do ano a ano e a expectativa de estar construindo algo melhor para nós mesmos e para a sociedade.

Fim de ano é tempo de renovar os sonhos. Ter esperança é alimentar a fé e reabastecer nosso ser de energia para sonhar mais ainda. É o milagre do bem viver. Gosto muito de buscar inspiração na poesia de Soares da Cunha, o Trovador das Gerais.

A poesia sempre facilita e humaniza qualquer mensagem. Sem poesia, não há salvação. A economia fica terrivelmente árida, a religião sufoca, o esporte perde a graça, a política embrutece, a justiça não suaviza, o administrador desmobiliza e o professor não emociona. Assim, nesse momento de fé, vale relembrar três, entre os milhares de trovas do poeta mineiro. E elas falam tão bem à alma...

Sobre o milagre da fé, Soares da Cunha trovou:

Para se dar o milagre
Qualquer um que a gente queira
O santo pode ser falso
Basta a fé ser verdadeira.

É justamente no findar do ano, quando outro ano desponta, que a gente se dá conta do que fez e do que deixou de fazer. Mais experientes, cada um passa a dar maior valor ao tempo, sempre implacável!

O tempo é rio silente
Noite e dia a deslizar
E passa tão mansamente
Que a gente nem vê passar.

O tempo passa. É Natal. Surge o réveillon, vem o carnaval e assim vai até chegarem outros natais e outros carnavais. Na avaliação que fazemos honestamente para nós mesmos, sempre há momentos de tristeza e de alegria. De ganhos e de perdas.

Basta pintar a Corrida de São Silvestre para cada um, a seu modo, olhar pelo retrovisor e correr para fazer um balanço de como gastou as energias durante o ano que se foi. E, importante, como recarregar as baterias para os desafios do novo ano. Tristezas e alegrias são temperos que dão força e ajustam nosso corpo e alma para tantas pelejas.

A vida senta-se à mesa
Das alegrias, porém
Vai temperando a tristeza
Com o sal que as lágrimas têm.

Vale pedir licença ao poeta das Gerais para evocar outro poeta, também trovador: Fernando Pessoa. O poeta d'Além Mar ensina que viver é muito mais do que acabar e começar um novo ano. É garimpar todos os dias estrelas.

Sonhe com as estrelas, apenas sonhe...
Elas só podem brilhar no céu.
Não tente deter o vento,
Ele precisa correr por toda parte...
Ele tem pressa de chegar, sabe-se lá aonde.
As lágrimas? Não as seque,
Elas precisam correr na minha,
na sua, em todas as faces.
O sorriso!
Esse você deve segurar.
Não o deixe ir embora, agarre-o!
Procure seus caminhos,
Mas não magoe ninguém nesta procura.
Arrependa-se, volte atrás,
Peça perdão!
(...)

Portanto, viver é não deter o vento. É sonhar, às vezes, chorar. Muitas vezes, sorrir. Viver é, sobretudo, não se entregar e se arrepender quando precisa. Perdoar sempre.

Chegou 2022! Ano em que Brasília completa 62 anos, tempo de eleições renovadoras no Brasil, em outubro vamos comemorar os 200 anos de nossa Independência e antes do Natal deste ano saberemos se conquistamos ou não o hexacampeonato na 20ª Copa do Mundo do Catar. Vale entender bem este momento. Há que navegar em dias de luzes e fé. O livro roseano *Grande sertão* marca o tempo da caminhada: "Quem elegeu a busca não pode recusar a travessia".

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // *circecunha.df@dabr.com.br*

O combate à corrupção não foi esquecido

No quesito corrupção, uma pauta que, ao contrário do que muitos candidatos às eleições de 2022 dizem já estar superada por outros problemas mais prementes, é preciso deixar claro que a sociedade mais esclarecida e que vota com consciência cívica sempre elegeu essa questão como a principal matriz de todos os males que afligem o país, desde sua fundação.

Questões como desemprego, fome, pobreza, desigualdades sociais, bem como crises institucionais, violência e até quesitos como inflação e descontrole das finanças, persistem e aumentam no Brasil, porque a corrupção dentro do Estado também tem não só evoluído de patamar e se institucionalizado, espraiando-se por toda a máquina pública, como deixada em segundo plano por aqueles que, em tese e na prática, teriam como função combatê-la sem tréguas.

O abandono desse tema e até sua negação por parte dos dois candidatos que se apresentam como maiores chances de vitória não pode ser debitado ao esquecimento ou outras razões da idade. A falta de discussão desse tema por esses e outros candidatos com relevância eleitoral se deve, basicamente, a razões pessoais, já que esse assunto remete diretamente ao passado de muitos deles, pondo em relevo a ficha corrida pretérita dessa turma.

Entende-se a razão quando se sabe que não é de bom tom falar em corda em casa de enforcado. A Lei da Ficha Limpa, a prisão em segunda instância, a Lei da Improbidade Administrativa e outros meios legais que poderiam, ao menos, minorar parte desse problema, devolvendo o país ao caminho da normalidade, foram, uma a uma, desmanchadas ou desidratadas direta ou indiretamente por esses mesmos candidatos, não restando mecanismo algum de accountability à administração pública para fazer frente a esse flagelo.

No passado, tanto um candidato quanto o outro usaram desse tema para elevar o entusiasmo do eleitorado. Ambos obtiveram, a partir desse tema e dos projetos que viriam para o combate à corrupção, grande adesão popular, o que explica parte de suas vitórias naquele momento.

Da mesma forma, os dois postulantes à presidência que aparecem com maiores chances de vitória em 2022 não só abandonaram esses projetos, como favoreceram o aumento dos casos de corrupção. Um deles chegou a ser preso por um período. Sobre o outro pesa também graves denúncias. Os dois foram também largamente favorecidos por decisões em última instância, adiando ou simplesmente anulando parte das condenações.

De fato, o que temos pela frente são dois candidatos que têm a necessidade de usar luvas de pelica para não mostrarem as mãos nuas e sujas. Não por outra razão, ambos os candidatos que aí estão miram contra a chegada do ex-juiz Sergio Moro à corrida presidencial. Moro representa tudo aquilo que eles não são ou dizem ser.

A escolha de Moro como alvo preferencial por parte desses dois postulantes e de mais alguns que agora se apresentam demonstra que a bandeira levantada pelo candidato da terceira via incomoda não apenas eleitoralmente, mas, no fundo, abala o psicológico dos políticos, atingindo-lhes no subconsciente, onde escondem suas peripécias inconfessáveis.

Não por outra razão, a bandeira de combate à corrução levantada por Moro já o alçou a uma posição que agora passa a incomodar os estrategistas desses dois concorrentes. A sociedade não só não esqueceu o tema de combate à corrupção, como aguarda o momento certo para manifestar essa opinião nas urnas.

» A frase que foi pronunciada

"A bajulação é uma instituição nacional. V. Exª deve ter sido muito bajulado. Há bajuladores de vários tipos. Então, todo homem que chega à Presidência da República fica sedutor de uma hora para outra. Sou amigo do presidente Fernando Henrique há muitos anos e nunca ouvi dizer que ele era sedutor, mas ele ficou sedutor quando chegou ao poder. O presidente Itamar ficou sedutor. O Presidente Lula é o mais sedutor de todos, até o final do mandato dele. V. Exª deve ter sido muito sedutor até àquela altura. Assim era também Artur Bernardes; Washington Luiz, sem dúvida alguma; e Getúlio Vargas — deste, nem se fala, até porque este o era mesmo. Eu gostaria de dizer a V. Exª que, assim como há a instituição da bajulação, temos um certo poder que as pessoas dizem que se trata do calor: O governo tem de ser mais caloroso, o governo tem de ser mais carinhoso. Custo a entender como se traduz em carinho uma ação de governo. O que é carinho? É o presidente da República, tenha ele o nome que tiver, fazer cafuné no deputado e no senador? Não julgo que isso seja próprio, nem republicano, nem adequado. Fazer cafuné, não! Isso é coisa de namorado. Não é para se fazer cafuné! O que é carinho? Carinho é o que se deu nos escândalos recentes? O que é carinho, enfim? Portanto, creio que V. Exª, hoje, deu importante contribuição."

Aparte do então senador Arthur Virgílio ao também senador Fernando Collor

» História de Brasília

*Mais uma para os inimigos de Brasília: os testes para o funcionamento da Estação de Tratamento de Esgotos têm sido excelentes, e até 21 de abril estará funcionando plenamente. (***Publicada em 16/02/1962***)*